

Um diálogo que começa sutil, duas pessoas conversam sobre um prédio. Não se conhecem. Aparentemente ele receberá um novo morador. Uma das personagens é responsável em apresentar o prédio ao segundo. Prédio "sem nome", grande, nome curioso. Um diálogo aleatório. A Tower que te leva pra stars. Tower, esse é seu nome. Projeto grande dos gringos, ou melhor, da gringaiada.

Foi ocupado pelas pessoas. Ocupado por tudo. Está deteriorando.

Ao construir um diálogo, por vezes fragmentado, Janaína Fukuxima, dramaturga da obra, vai relevando, aos poucos, a realidade das ocupações e das dinâmicas internas dentro do prédio. Uma trepadeira que já está ocupando boa parte do prédio. Começou pequena, sutil. Foi cuidada, regada, e hoje cresceu tanto que se ramificou pelo prédio inteiro, se espalhou por ele. Como um pé de Maracujá.

O diálogo segue, sem rumo, não sabemos para onde irá. Janaína tem a habilidade em criar muitas imagens com as palavras. Creio que essa seja uma das potências de sua dramaturgia, a facilidade com que ela consegue em transpor para o papel, uma constelação imagética.

Dramaturgia visual. Cada página é um frame.

Com essa profusão de imagens, ela passeia pelas ocupações, pela beleza e pela violência em nomear as coisas. Nomear algo é tão belo e ao mesmo tempo tão violento. Um nome que estrutura uma coisa. Que vira sua casca, sua identidade. Um nome curto, que

representa a coisa como um todo. Uma constelação de significados representada em uma palavra.

Uma das personagens representa essa beleza e essa violência. Deseja ocupar o nome "Pedro" e tudo o que ele é, o que ele pode ser, o que ele deseja ser. Trocam de papéis.

Assistimos, sim. Assistimos, pois a sensação que temos ao ler o texto é que estamos, a todo o momento, não apenas lendo a obra, mas vendo um filme. Se é intencional ou não, pouco importa. A potência visual promovida pelas palavras de Fukuxima nos chega dessa forma.

Finalizo minha escrita pensando que sua dramaturgia é como um pé de maracujá, tal qual é descrito na obra, cheio de ramificações, emaranhado, embolado e visualmente bonito.

Ítalo Rui

Este texto é uma das ações de conclusão do projeto *Brasis por escrever*, uma realização do Platô – Pesquisa e Produção, que por meio de encontros virtuais, de dezembro de 2020 a julho de 2021, reuniu uma turma de autorxs de diversas localidades do Brasil para estudo e criação de dramaturgias com orientação de Cecília Ripoll e Diogo Liberano (região Sudeste): Carolina Queder (Centro-Oeste), Denni Sales (Norte), Janaína Fukuxima (Sul), Thais Vasconcelos (Norte) e Thiago Dominoni (Sul).

Agradecemos ao leitor Ítalo Rui pelas palavras escritas após a leitura da dramaturgia *A TOWER QUE TE LEVA PRASTARS* da autora Janaína Fukuxima.

